

SUS: ALGUNS ANOS ANTES: Um 'causo'

Comemoração dos 20 anos do SUS, eis é a consigna oficial. Talvez fosse melhor 'Comemoremos os 20 anos do nosso SUS', assim teríamos a oportunidade de sentir-nos autores/atores do SUS, ou ao menos de participar das festanças fora da categoria de convidados. Participar da nossa comemoração, eis o principal. Inicialmente, convidaram-me para escrever sobre o SUS. O convite prendia, aparentemente, a uma deferência aos antigos (dinossauros como alguns os nomeiam) do SUS.

Com muita relutância, pus-me na linha de produção do moderno lixo. A primeira questão era definir o tipo de texto. Artigo científico? Nem pensar! Há tempos falo para mim mesmo de escrever uma crônica sobre o SUS. Ao iniciar, a dúvida se instala. Há regras para o texto em forma de crônica? Menor idéia. E, assim, fui-me imobilizando, pois não queria qualificar o meu texto como uma denominação que pudesse ser considerada ofensiva pelos praticantes de uma ou outra corrente literária. A ignorância é-me muito ampla e presente, mas não a burrice. E, em sendo um matuto de quatro costados, resolvi que o escrito teria a categoria de um 'causo'. É comum aos velhos serem subjugados pela memória, os 'causos' ouvidos na minha infância prescindiam da razão. A imaginação do contador impunha-se. Resolvido o primeiro impasse.

Imediatamente, pôs-se a questão: "SUS, um 'causo'", ou "Eu, um 'causo'". Sem dúvida, optei pela segunda alternativa. Dava-me ela liberdade necessária para o torvelinho da minha imaginação. Antevia o fruto: um verdadeiro samba do crioulo doido, sem desmerecer o poeta/compositor.

Um reparo, os seres, em especial os humanos, são mosaicos genotípico e fenotipicamente, para o bem e para o mal. Ora, presunçosos que somos, as nossas criaturas padecem das nossas qualidades. Assim o SUS de cada lugar, de cada um nós é singular. Fica, pois, justificado que o meu 'causo' é também um 'causo' do SUS, ao menos do meu SUS.

Que fique claro que no meu 'causo', o SUS entra como pano de fundo, ou de espectro daquilo em que eu me transmutava. Intróito concluído, vamos aos fatos.

Qual a idade do SUS? A minha própria, é imprecisa, ou ao menos eu não sei. O dia em que a minha mãe disse basta à minha indolência intra-uterina está registrado de acordo com o calendário gregoriano. Mas, se tomarmos como meu início o dia da fecundação, como é advogado hoje em dia, isto não está registrado. Talvez eu seja mais velho do que eu sou. Difícil, mas possível. Assim é lícito pensar que o SUS tenha iniciado antes do seu nascimento. No entanto, numa sociedade cartorial/normatizada, o que vale é o registro público, o SUS tem a idade de 20 anos, data do parto constitucional, 5 de outubro de 1988. Pensando bem, esta conversa de idade é de somenos para mim.

A desconstrução do futuro cientista que eu pretendia ser, iniciou já nos bancos escolares da escola de medicina da USP, a melhor do país! As lides estudantis, a contestação sócio-política, o enfrentamento ao regime militar e, principalmente, o trabalho voluntário nas favelas de São Paulo abriram uma nova estrada para onde fui levado. O estudante de medicina que gostava de física, química, matemática e filosofia viu novos campos e tomou novos gostos. Quarenta anos são passados.

A vivência profissional nos serviços de saúde do Chile, Canadá e de Moçambique deu as primeiras identidades/formas ao meu SUS: universalidade,

hierarquização, participação social e algumas pinceladas de confusa integralidade. A memória contabiliza esta fase velha de 30 anos.

A descentralização, veio por um viés político, ao ter compreensão dela como movimento/passo necessário para a construção de uma sociedade democrática no Brasil. A conversão ocorreu em 1981, em lugar preciso e mestre identificado. Mais, para a saúde a descentralização já tinha nome: municipalização!

Assim, há um quarto de século, o meu SUS já possuía o seu código genético. Código genético define potencialidades. O meu SUS se plasmava em experiências variadas por todo o país.

Permitam-me continuar o meu 'causo', mudando um pouco a linha, contarei passos na construção do SUS.

Em setembro de 1987, após debates, reuniões, propostas e muita emoção, foram assinados os termos de municipalização dos serviços estaduais em cinco municípios da região de Campinas/ SP. Os primeiros do país. A participação ativa, mesmo como co-adjuvante, fez-me pensar que o feito, além de pioneiro, foi muito importante. A simplicidade ou, talvez, a estreiteza intelectual deu-me o sentimento de que o SUS (então SUDS) estava garantido. Profeta trabalha (ou tem) uma só idéia. Mesmo sem ser profeta, a municipalização absorvia o meu pensar. O meu SUS era municipal.

Início de 1988, para sossego de alguns e desatinos de outros, o meu SUS recebeu um apodo, SUS/SC. Novas terras, novos autores/atores. Outros debates, reuniões. Mesmos temas, novas emoções. Maio, 25 municípios assinam os termos de municipalização, agora incluindo as unidades do antigo INAMPS. Movimento sem retorno, jurava eu certeza.

Ao ser registrado no cartório constitucional em outubro de 1988 e reconhecida a assinatura em setembro e dezembro de 1990, o SUS/SC já tinha desenvolvido, parcialmente, algumas de suas bases: a descentralização/municipalização e a participação social.

Depois de muita resistência, a municipalização ficou compreensível e gostosa. Assinaram-se vários termos de municipalização, de re-municipalização, de municipalização de tipo A, de tipo B, etc. Nesta festa, passamos desde aquele maio de 1988 até o início do Pacto de Gestão (2007), que é dito ser diferente. Mesmo sendo muito otimista (quase no nível do Cândido voltairiano), entendo e sinto que o SUS precisa descentralizar-se ainda muito mais. O processo estancou há mais de 10 anos, só refinamentos tecnocráticos. O medo do novo imobiliza os municípios. O poder central quer administrar o poder, não descentralizá-lo. Novos iconoclastas é preciso!

Eu juro que o meu SUS, hoje, tem participação social mais intensa e de melhor qualidade do que em 1990. Basta ver onde há equipes da Estratégia Saúde da Família. E, viva a ilusão!

A partir de 1994, põe-se em marcha, dentro do SUS, uma revolução. O Programa Saúde da Família, hoje Estratégia Saúde da Família. Um loci genético do SUS pôs-se em atividade. A nova característica deseja e precisa transformar todo o sistema. Ao assinar o compromisso de implantação do PSF, em Florianópolis, mais uma vez senti-me contente. A capenga experiência realizada em 1981, em Limeira/SP, era abençoada e lançada com a consigna: cresça e multiplique-se. Desde então o meu cérebro, com muito desgaste, repetia: "municipalização...saúde da família". Monotonia.

Para alegria dos colegas de serviço, desloquei-me ou fui deslocado para outros setores. Com os desatinos possíveis dados pelas incompreensões ou compreensões dos gens do loci ativado, o programa/estratégia disseminou por toda Santa Catarina. As unidades (básicas) ou novos autores/atores do SUS se estruturam. O movimento está

lançado. Após um período de maturação (maior que o da municipalização), a estratégia ganhou corpo. Ela se qualifica no ano 2000 com a inclusão da área de saúde bucal, e novamente, em 2008 com o início dos NASF. Outras transformações são necessárias e precisam vir. Caso contrário o movimento envelhece e passará a ser história. Outros contarão o seu 'causo'.

Mesmo ao contar o 'causo' do meu SUS, não esqueço e nem desmereço os outros SUS. Aquele dos hospitais, das UTI, da alta complexidade/tecnologia armada, do SAMU, da gestão moderna, etc. De certa maneira o meu SUS assume esses outros.

Hoje, o meu SUS/SC é grande e forte, amado e odiado. Generoso. Ele é o maior instrumento de cidadania do nosso país. Que falem os invejosos. Não importa. Para confirmar, outros companheiros anotam algumas características do SUS, muito mais do meu, pois se trata de áreas com as quais convivo atualmente.

Fica aqui concluído que o meu SUS é o SUS. Eu e o SUS somos uno. Criador e criatura mais uma vez unificados. Ele é o máximo. Logo, talvez, eu também. E, para que não pensem que sou demasiado egoísta, concedo a todos a graça de também serem SUS.

Assim, dou por encerrado este 'causo'. Brindemos à nossa festa.

O importante é contar a história. Amanhã outros darão a sua versão.

Pio Santos
Gerente de Coordenação de Atenção Básica